

## “Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública”

*“Inovação em saúde & desenvolvimento nacional: possibilidades e limites da cooperação sul-sul.”*

### RELATÓRIO

#### **1. Apresentação**

O presente relatório apresenta o terceiro encontro do ano de 2012 do “*Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde*”, promovido pelo Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHIS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília (UnB), com apoio da Direção Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ Brasília) e da OPAS/OMS/Brasil.

Esta reunião do Ciclo tratou do tema **“Inovação em saúde & desenvolvimento nacional: possibilidades e limites da cooperação sul-sul”** e contou com a participação, como palestrantes: *Carlos Gadelha*, Secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde; e *Flavia Poppe*, consultora técnica para o Complexo Industrial da Saúde e Regulação Econômica da OPAS/OMS no Brasil. Como Coordenador da mesa, o evento contou com a presença do *Dr. José Paranaguá de Santana*, coordenador do NETHIS.

A seguir, será apresentada a descrição da palestra, com reflexões que podem ser incorporadas ao NETHIS a partir dos debates do Ciclo. Ao final, a título de considerações finais, o resultado do debate é interpretado na forma de temas que podem ser objeto de trabalho por este Núcleo de Estudos, no sentido de que possam ser problematizados e estudados, contribuindo, assim, para a produção científica do NETHIS.

## **2. Inovação em saúde & desenvolvimento nacional: possibilidades e limites da cooperação sul-sul.**

**Palestrantes:** *Carlos Gadelha; Flavia Poppe*

**Coordenador:** *José Paranaguá de Santana*

**Data:** *31 de Maio de 2012*

**Local:** *Fiocruz Brasília*

Gadelha inicia sua fala propondo uma relação que irá servir de norte para toda sua exposição: a dicotomia entre *saúde* e *sociedade do conhecimento*, alegando que estamos em um momento especial para reflexão, haja vista o fato de que áreas estratégicas de conhecimento estão intrinsecamente ligadas à saúde, entre elas: biotecnologia; tecnologia da informação; nanotecnologia; química avançada; fusão da física com a biologia; dentre outras, formando um conjunto de áreas com papéis decisivos no campo da saúde, principalmente se aliadas à criticidade inerente às produções de conhecimento.

A saúde, antes vista como um campo passivo, agora é um campo de fusão de conhecimento e não apenas receptor. Passando ao patamar de produtor, gerador e determinante da sociedade do século atual. Hoje, temos que a área do conhecimento que mais cresceu foi a da saúde, com 25% de crescimento, diferente de todas as outras áreas. Isso representa o que o mundo investe nessa área.

Antes a saúde era vista apenas como um direito de cidadania e o papel do Estado era o de promover o acesso à saúde de sua população. Hoje, diz Gadelha, a agenda interna e externa dos países está sob o novo foco da solidariedade. A questão científica e tecnológica está no centro das políticas nacionais, envolvendo o acesso à ciência e à tecnologia. Portanto, ao pensarmos no desenvolvimento, temos a saúde como um grande aporte.

As dificuldades de acesso à saúde são decorrentes da falta de investimento nessa área de tamanha importância. Se partirmos da máxima de que a saúde é um direito, podemos nos deter em alguns questionamentos e suspeitarmos as respostas. O que ameaça o estado de bem-estar de um país? O palestrante diz que é a questão tecnológica, pois se colocam em risco políticas soberanas. No âmbito da experiência

civilizatória sul-americana, embora tenha sido construído em bases capitalistas, o direito à saúde sempre esteve presente nesse processo.

Hoje, a resposta mundial da crise não tem sido decorrente de uma crise financeira. O Estado está acuado para poder domar e enquadrar os rumos do capital financeiro, Gadelha propõe um maior controle do Estado nas gestões em saúde, ou seja, o bem-estar da população precisa ser mais valorizado do que os núcleos especulativos e financeiros. A consolidação desse estado de bem-estar tem de ser colocada como uma meta para o futuro.

A decisão tecnológica é política, o que afeta os modelos de sociedade, assim como de saúde. Ao avaliarmos quais são os avanços dessa construção em meio à crise internacional, vemos que a geração de desigualdade pela *tecnologia* (arma de geração de iniquidade) é bastante presente, expõe Gadelha. A questão não é negar a tecnologia e nem julgá-la como neutra: ela é um processo social. Por isso, ao aliarmos tecnologia e pesquisa, podemos diminuir as desigualdades sociais e os empecilhos em relação ao direito universal à saúde.

Mediante este quadro, temos alguns questionamentos a fazer. Por que os gastos em pesquisa e desenvolvimento não estão aliados ao sistema produtivo? A saúde percebia o campo da tecnologia e inovação como algo voltado estritamente ao mercado, com os modelos biomédicos, hospitalocêntricos e medicalizados. São questões que não podem ser simplificadas e sim reconhecidas como complexas, principalmente no âmbito acadêmico.

Há uma dificuldade de harmonização da agenda que passa pela articulação público/ privado/ acadêmico. Se não levarmos em consideração tudo isso, não há um desenvolvimento produtivo substancial. Ao assumirmos essas questões como válidas, vemos que o Estado pode e deve corrigir as falhas de mercado e suprir aquilo que o capital não atende. Gadelha cita dados, apontando que 95% dos gastos em pesquisas em inovação estão concentrados nos países desenvolvidos, sendo a maior parte deste montante direcionada às áreas bélicas e da saúde. E os 5% restantes vai para o resto dos países, como no caso do Brasil, que não produz e sim escolhe dentre as opções já existentes.

Nesse engajamento, a formação de equipes bem formadas para informar à população é de grande serventia. Para termos municípios saudáveis precisamos do progresso técnico, por isso é necessário o desenvolvimento em ciência, tecnologia e inovação. A construção de instituições de qualificação dos sistemas de saúde nos locais que são auxiliados é de suma importância. Ele destaca que os hábitos de vida das populações direcionam o padrão de desenvolvimento tecnológico de onde estão inseridas.

Para haver um setor de pesquisa forte no campo da saúde é necessário um sistema de revisão ética, bem estruturado, comprometido com a proteção dos sujeitos envolvidos nas pesquisas e com a eficiência na avaliação. Ele ressalta que tal preocupação com a ética individual deve estar acompanhada de uma preocupação com a ética pública, avaliando a produção, a aplicação e a direção do desenvolvimento biomédico e biotecnológico de modo a evitar que o fim de tal desenvolvimento se dê apenas nos interesses e nas demandas dos mercados. Avaliações éticas para o projeto civilizatório de vida.

O quadro global é de grande assimetria, pois muitas vezes, a lógica da competitividade se sobrepõe às questões sociais. Por exemplo, a Índia: indústria farmacêutica de ponta; acesso da população 30% no máximo. E temos também o caso dos EUA, em que apenas 20% da população têm acesso à saúde. No caso do Brasil, ele destacou que o Ministério da Saúde é uma das poucas instituições em saúde no mundo que assume a tarefa de orientar o sistema produtivo nacional. Na maioria dos países, as políticas do setor produtivo são orientadas por outros órgãos, como os Ministérios de Desenvolvimento ou Comércio.

Gadelha finaliza sua exposição falando que o Brasil está em processo de unificação da pesquisa com a produção, o que permitiu que o mesmo fosse o único produtor do medicamento para a doença de chagas. O que gerou uma reviravolta no âmago dos interesses públicos e privados. A articulação da dimensão social e econômica em dimensões internacionais é o diferencial do Brasil, por ser o ministério da saúde o mandante das produções em ciência e tecnologia, que entraram na agenda nacional e internacional. A questão não é o isolamento e sim a inclusão dessa temática da diplomacia em saúde pela via da ciência e da tecnologia.

### **DEBATE – Principais pontos:**

- a. Foi colocada ao palestrante a questão da disputa dos produtos farmacêuticos (genéricos). Ele respondeu que inovação e fortalecimento são os contrapontos da escala econômica e social;
- b. Em relação à oposição entre lógica de produção e lógica de solidariedade, Gadelha afirma não existir inovação sem setor produtivo;
- c. Quanto à vulnerabilidade dos Estados (Brasil) no que se refere à corrupção e desencontro de interesses, ele diz que a corrupção pode estar presente em todos os âmbitos, o que atrapalha, mas não esgota as possibilidades de atuação;
- d. Foi observado também, o problema da inserção governamental de políticas públicas, envolvendo o setor produtivo e as responsabilidades internacionais. Gadelha coloca que essa aproximação é necessária;
- e. Em relação às corporações tecnológicas, com poucos resultados e muito custo, ele propõe que a grande questão é como usar o sistema de ciência e inovação para o acesso universal, alegando que o Brasil protagoniza esse processo;
- f. Foi questionado como o ministério da saúde tem envolvido a sociedade nesse debate, e o palestrante conclui dizendo que esta agenda já chegou ao Congresso.

## **Apresentação de Flavia Poppe**

A apresentação de *Flavia Poppe* foi um importante complemento à palestra anterior. Ela fez sua apresentação com o auxílio de slides, os quais estão presentes do Portal NETHIS ([www.bioeticaediplomacia.org](http://www.bioeticaediplomacia.org)). Abaixo, estão listados os pontos centrais de sua palestra:

- ❖ Saúde pública que gera benefícios para a economia;
- ❖ O uso do poder de compra como uma chave importante no complexo industrial da saúde;
- ❖ Como e quando incorporar a tecnologia, saindo da lógica econômica e entrando na área da saúde social;
- ❖ Demonstração de parcerias oficiais feitas pelo governo (tabela);
- ❖ Necessidade de se instaurar uma lógica de criação de recursos;
- ❖ Esforço do Brasil em alcançar o número de artigos brasileiros publicados em periódicos científicos;
- ❖ Cooperação comercial é diferente de cooperação solidária;
- ❖ Inovação em saúde como um Direito Humano.

### **DEBATE – Principais pontos:**

- a. Ao ser questionada acerca da consolidação do Mercosul e do complexo industrial da saúde, ela coloca que a OPAS tem feito um trabalho nesse sentido, elaborando modelos de sistemas de saúde diferenciados, o que não esgota os empecilhos, quando temos em questão, forças antagônicas e de diferentes interesses. Aponta também o Brasil como líder nesse processo;
- b. Flavia Poppe nos diz que a construção de confiança entre os países é algo problemático por causa do conflito de interesses, ao responder à pergunta de como estabelecer laços de confiança internacional.

### **3. Considerações Finais**

Enquanto ficarmos estagnados no paradigma da tecnologia cega e da secção entre as pessoas e países, não avançaremos substancialmente em políticas públicas de bem-estar social. Pelo fato delas partirem de convergências de interesses entre dois ou mais elementos envolvidos na relação, seja ela de diplomacia, de solidariedade, de acordos comerciais e outros.

Os estudos do Núcleo de Estudos em Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHIS) estão voltados à tentativa de compreender o processo brasileiro e mundial no que se refere à saúde e suas relações nacionais e internacionais de solidariedade. As palestras aqui descritas e comentadas nos acrescentam nesse sentido, de enriquecer o aparato teórico subjacente ao desencadeamento histórico, político e diplomático do Brasil e do mundo.